

INFORME ESPECIAL

Navegar com precisão

Espectáculo apresentado no Banco Rural revela modernas técnicas de administração empresarial na saga dos navegadores lusitanos

Como nossos antepassados, que há mais de quinhentos anos se lançaram ao mar e construíram um império presente em todos os continentes, nós também temos uma missão: encontrar uma Índia nova que não existe no espaço. Partindo em naus feitas do mesmo material de que os sonhos são feitos, devemos enfrentar os desafios do mundo globalizado, em busca das novas oportunidades, dos novos mercados e dos novos rumos.

Este é um dos ensinamentos do espetáculo motivacional *Navegar é preciso... em prosa, verso e riso*, apresentado pelo ator Tony Correia no dia 18 de maio, como parte do Rural Competências, programa de desenvolvimento de executivos do Banco Rural. Ao som da viola e da guitarra portuguesa, entremeado de fados, executados ao vivo, o artista recordou a saga dos navegadores lusitanos, num dos períodos mais ricos da história mundial.

O espetáculo, segundo Tony Correia, é uma tentativa de entender o que faz um homem ou uma mulher ir além e ser mais do que é. "O que levou aqueles homens e aquelas mulheres, gente simples, gente da terra, tão pequenos, a serem tão empreendedores, a descobrirem novas terras, novos oceanos, a apresentarem o mundo com novos mundos?", pergunta-se o ator, no começo da representação.

Recorrendo a belíssimos poemas de Fernando Pessoa, Camões, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, ele evoca a memória de nossos antepassados, responsáveis por obras valiosas, que vão além da morte,

no dizer do maior poeta épico português. Propõe uma viagem na mítica caravela – "aquelas fráguas cascas de nozes que venceram mares bravios" – e já no embarque a platéia é levada a refletir sobre a importância de estar bem preparada.

"O êxito da missão depende também de uma boa preparação", observa Correia, explicando que os navegadores portugueses do séculos XV e XVI se reuniam, definiam uma estratégia, cuidavam dos meios e dos homens. Numa caravela não havia apenas marinheiros e soldados, havia também marceneiros, calafates, carpinteiros, prisioneiros, artistas, sacerdotes. "Quando um casco se rompia, ou uma vela se rasgava, ou um mastro quebrava, ou um homem que morria e queria confissão, ou outros que para esquecer queriam diversão, ali tinha profissionais capazes", conta o artista.

Do bom desempenho de cada um dependia muitas vezes não apenas o êxito da missão, mas a vida de todos. Numa caravela não havia pequenos trabalhos, todos participavam da realização do sonho, como recomenda o poeta: "Põe quanto és no mínimo que faças para ser grande".

Levantar as velas é o momento crucial da viagem. "Para que essa manobra seja executada com precisão e presteza, necessitamos ter uma equipe bem entrosada, coesa", diz o ator. Antes, porém, é preciso saber para onde ir. "A primeira lição das grandes navegações é de que não há bons ventos para quem não sabe para onde vai", ensina Tony Correia. "Não podemos andar à deriva, se-



MAR PORTUGUÊS

O espetáculo começa com acordes da *Canção do mar* e os versos célebres de Fernando Pessoa sobre as conquistas portuguesas: "Valeu a pena? Tudo vale a pena, se a alma não é pequena"

não as boas oportunidades passarão por nós, sem que nós próprios nos apercebamos disso. Precisamos ter um rumo, um objetivo, um sonho. Precisamos ter um sonho."

No século XV, os portugueses tiveram um sonho, o sonho de encontrar o caminho marítimo para a Índia, de onde vinham as tão desejadas especiarias, cujos

preços na Europa eram exorbitantes. Foram tachados de loucos, pois os conhecimentos da época garantiam que a África se emendava na Ásia e não havia passagem para navios ao Sul do globo terrestre. Tiveram de enfrentar o medo, o medo do Mar Tenebroso, como era conhecido o Atlântico. Naquele tempo, acreditava-se que o oceano era habi-

tado por monstros marinhos, que ao chegar perto do Equador sua água começava a ferver e também o sangue nas veias, e que logo adiante ele acabava num abismo.

Chegar à Índia por mar era uma loucura, como também foram consideradas loucuras doces realidades que hoje nos facilitam a vida: o telefone, o rádio, a televisão, o avião, desenvolvido pelo

brasileiro Santos Dumont. "Sem a loucura, o que é o homem mais do que a besta sadia?", pergunta Tony Correia, citando Fernando Pessoa. "É a loucura, o sonho, que faz a diferença do homem para o animal. Esta loucura é uma centelha divina, que faz o homem acreditar e prosseguir, haja o que houver. O homem cresce com seus sonhos", ensina.



TEMPERO BRASILEIRO

"Como foi que temperaste, Portugal, meu avôzinho, este gosto misturado de saudade e de carinho?", pergunta o poeta Manuel Bandeira

Lições de inteligência, humildade, esperança

Tony Correia ressalta que a saga dos navegadores portugueses tem muitas lições a ensinar. "Lição de humildade, porque, no meio do oceano imenso, rodeado pela grandiosidade dos elementos, o céu, as estrelas, o vento, a chuva, o ribombar dos trovões, o homem sentia-se pequeno, humilde." Lição de inteligência, porque diante de cada problema eles souberam encontrar uma solução.

"Quando os ventos eram contrários, que fazer? Recuar? Desistir? Não. Com criatividade, com conectividade, reagindo, interagindo, eles desenvolveram a vela latina, triangular, que assim permite bolinar e avançar contra o vento, prosseguir. Não podemos dirigir o vento, mas podemos ajustar as velas", ensina o artista.

Nossos antepassados souberam criar e desenvolver instrumentos, como a bússola e o astrolábio, e tinham uma boa comunicação: quando um capitão voltava para Lisboa, não retinha o conhecimento adquirido, e assim o próximo a sair ia com o que ele também havia aprendido. Eles quebraram paradigmas, como ir para o Oriente seguindo para o Ocidente, evitando as correntes do sul da África.

A transposição do continente africano encerra também duas lições, a primeira, de perseverança, pois muitas eram as razões para se desistir. "Para além dos medos, havia muitos perigos reais, os naufrágios", lembra Correia. Para se ter idéia, dos 150 homens da esquadra de Vasco da Gama,

apenas 55 voltaram. "Mas a cada naufrágio aumentava a saudade, crescia o coro daqueles que exigiam que sua morte não fosse em vão. E assim, reanimados, revigorados, eles partiram e venceram os gigantes do medo."

A segunda lição é de esperança, dada por Dom João II a Bartolomeu Dias, primeiro a realizar a façanha, em 1488, ultrapassando o perigoso Cabo das Tormentas. Vendo mais além e vislumbrando a realização do sonho de se chegar à Índia por mar, o rei mudou o nome para Cabo da Boa Esperança. "Precisamos desenvolver essa capacidade de ver mais além, de ver o invisível. Aquele que é capaz de ver o invisível é capaz de realizar o impossível", recomenda Correia.

Feito equivalente à conquista da Lua

Ao refletir sobre nossa história chegamos à conclusão de que ela é mais bonita do que muitas histórias, observa Tony Correia. "Precisamos sentir as nossas raízes para estarmos de pé, firmes e convictos. São as boas raízes que nos darão a capacidade, a estabilidade, a criatividade para enfrentar e vencer os desafios do hoje, para vislumbrar um melhor amanhã", observa.

Ele lembra que, quando o homem pisou pela primeira vez na Lua, em 1969, o presidente americano, falando para o mundo pela TV, comparou aquele feito extraordinário ao de três homens: Vasco da Gama, Fernão de Magalhães e Cristóvão Colombo – os dois primeiros são portugueses e o terceiro aprendeu a navegar com eles. "Doravante, ao olhar o mapa do mundo, sintam-se orgulhosos: foram os nossos ante-

passados que assim o desenharam", enfatiza.

Sagres reunia os homens de maior saber da época – os melhores cosmógrafos, os melhores cartógrafos, os melhores da ciência náutica, os melhores da construção naval, os melhores matemáticos. "A Escola de Sagres mostrava que navegar é preciso, pois se baseia na precisão dos astros, na precisão dos instrumentos, na precisão matemática. Navegar tem a precisão que a vida não tem", observa o artista.

Homens e mulheres, nobres e plebeus, mostravam também a cada dia, e muitas vezes pagando com a própria vida, que navegar é necessário, é preciso. "E assim, a cada vez que uma caravela voltava para Lisboa, o mundo tinha crescido, novas terras, novas gentes, novas civilizações tinham sido descobertas."

Quem é Tony Correia

Tony Correia nasceu em Canas de Senhorim, Beira Alta, Portugal, e é formado em engenharia pela Escola Superior de Coimbra. Aliando a sensibilidade do ator ao pragmatismo do executivo, destaca-se como palestrante de estilo inconfundível. Ator com participação nas telenovelas *O Casarão* e *Locomotivas*, da Rede Globo, viveu nos últimos quinze anos em Paris e em Toulouse, França, exercendo cargos de chefia nas multinacionais Havas e France Telecom. Além de ator, é autor, roteirista e produtor do espetáculo "Navegar é preciso... em prosa, verso e riso", que conta com a participação dos músicos Vítor Lopes (guitarra portuguesa) e Cléber Matos (viola) e da cantora Maria Alcina.

O que é o Rural Competências

Rural Competências é um programa de desenvolvimento de executivos do Banco Rural que promove regularmente palestras de especialistas em gestão de pessoas, processos e negócios, liderança, finanças e economia. Por acreditar que o principal capital do século XXI é o conhecimento, o Banco Rural, em parceria com o jornal Estado de Minas, compartilha com os leitores o conteúdo das palestras.

O conteúdo das palestras está disponível pela internet no seguinte endereço:
www.rural.com.br